

MALIN PERSSON GIOLITO



AREIA MOVEDIÇA

Material com direitos autorais

Copyright © Malin Persson Giolito, 2016
Publicado mediante acordo com Ahlander Agency

TÍTULO ORIGINAL
Störst Ava Allt

Traduzido da edição britânica (*Quicksand*)

REVISÃO
Raphani Margiotta
Ilana Goldfeld

REVISÃO TÉCNICA
Luana Lara Melo Coutinho
Raphael Abib Azevedo

REVISÃO DE E-BOOK
Carolina Rodrigues

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0479-1

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Sumário

[Avançar para o início do texto.]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

A sala de aula

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

1. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
2. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
3. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
4. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
5. Primeira semana do julgamento: segunda-feira
6. Primeira semana do julgamento: segunda-feira

A ambulância, o hospital

7.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

8. Primeira semana do julgamento: terça-feira
9. Primeira semana do julgamento: terça-feira

Prisão, os primeiros dias

10.

- 11.
- 12.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

13. Primeira semana do julgamento: sexta-feira
14. Primeira semana do julgamento: sexta-feira
15. Primeira semana do julgamento: sexta-feira
16. Primeira semana do julgamento: sexta-feira

Sebastian e eu

- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.

A prisão feminina

24. Primeira semana do julgamento: o fim de semana.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

25. Segunda semana do julgamento: segunda-feira.
26. Segunda semana do julgamento: segunda-feira.
27. Segunda semana do julgamento: segunda-feira

Samir e eu

- 28.
- 29.
- 30.
- 31.

A prisão feminina, noite

32. Segunda semana do julgamento: madrugada de terça-feira

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

33. Segunda semana do julgamento: terça-feira

Sebastian e eu

34.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

35. Segunda semana do julgamento: quarta a sexta-feira

A prisão feminina

36. Segunda semana do julgamento: o fim de semana

Sebastian

37.

38.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

39. Terceira semana do julgamento: segunda-feira

Sebastian

40.

Audiência de julgamento do caso B 147/66
Denúncia em face de Maria Norberg

41. Terceira semana do julgamento: último dia

42. Terceira semana do julgamento: último dia
43. Terceira semana do julgamento: último dia
- 44.

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

A sala de aula

Dennis está caído junto à fileira de carteiras à esquerda. Como sempre, veste uma camiseta com estampa gráfica, calça jeans de uma marca qualquer e tênis desamarrados. Ele é de Uganda e diz ter dezessete anos, mas parece um cara gordo de vinte e cinco. Estuda na escola técnica e mora em Sollentuna, em uma casa para pessoas como ele. Samir foi parar bem ali, ao lado de Dennis. Samir e eu estudamos na mesma turma porque ele entrou para o programa especial de economia internacional e ciências sociais da nossa escola.

À mesa está Christer, que é o professor da turma e se autointitula ativista social. Sua caneca foi derrubada, por isso o café está pingando na perna da calça dele. A não mais de dois metros, está Amanda, apoiada no aquecedor, sob a janela. Apenas alguns minutos antes, ela era toda caxemira, ouro branco e sandálias. Os brincos de diamante que ganhou quando nos crismamos ainda brilham ao sol do início de verão. Mas agora parece que ela foi coberta de lama. Já eu estou sentada no chão, no meio da sala de aula, e no meu colo está Sebastian, que é filho do homem mais rico da Suécia, Claes Fagerman.

As pessoas nesta sala não se dão bem. Gente como nós não costuma andar junto. Isso talvez aconteça em uma plataforma de metrô durante uma greve de táxi ou no vagão-restaurant de um trem, mas não em uma sala de aula.

O ambiente fede a ovo podre. O ar está enevoado e acinzentado por causa da fumaça de pólvora. Todos foram baleados, exceto eu. Não sofri sequer um arranhão.

Audiência de julgamento do caso B 147/66

Denúncia em face de Maria Norberg

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

1.

Na primeira vez que vi o interior de um tribunal, fiquei decepcionada. Nossa turma visitou um em uma excursão da escola. Obviamente eu já tinha noção de que os juízes suecos não eram velhos recurvados com perucas de cachinhos e togas compridas e que os réus não eram loucos algemados espumando pela boca, vestindo um macacão laranja. Mas mesmo assim foi uma decepção: o lugar parecia algo entre uma clínica médica e um centro de conferências. Fomos para lá em um ônibus alugado que fedia a chiclete e chulé. O réu tinha caspa, vestia uma calça de pregas e era suspeito de sonegação fiscal. Além da nossa turma (e Christer, é claro), havia apenas outras quatro pessoas presentes, mas os assentos eram tão poucos que nosso professor teve que pegar uma cadeira no corredor lá fora para ter onde se sentar.

Hoje é diferente. Estamos no maior tribunal da Suécia. Os juízes estão acomodados em cadeiras de mogno escuro com encostos altos forrados de veludo. O encosto da cadeira do meio é mais alto que o das demais: é nela que se senta o juiz principal — ele é chamado de “presidente”. Na mesa à sua frente fica um martelo com cabo de couro e diante de cada assento há microfones finos, como canudos curvos. Os painéis na parede parecem de carvalho, como se tivessem várias centenas de anos — passam a impressão de que são velhos, mas de uma forma positiva. Um tapete vermelho-escuro se estende entre os assentos.

Lidar com plateias não é a minha praia. Nunca quis ser escolhida como protagonista da peça da escola ou participar de

shows de talentos. Mas o tribunal está lotado. E todos estão aqui por minha causa: eu sou a atração.

Ao meu lado estão os meus advogados do Sander & Laestadius. Sei que Sander & Laestadius soa como uma loja de antiguidades onde dois gays suados em roupões de seda, com monóculos, vagueiam carregando lamparinas a óleo e espanando livros mofados e animais empalhados, mas na verdade é o melhor escritório de direito criminal da Suécia. Criminosos comuns têm um único e sobrecarregado defensor, já o meu advogado vive cercado por uma equipe de caras de terno empolgados e ambiciosos. Eles trabalham até altas horas da noite em um escritório superelegante perto de Skeppsbron, cada um tem pelo menos dois celulares e todos, fora o próprio Sander, almejam fazer parte de um programa de TV americano no qual os personagens comem comida chinesa direto das caixinhas com um ar de “sou muito ocupado e importante”. Nenhuma das vinte e duas pessoas que trabalham na Sander & Laestadius se chama Laestadius. O Laestadius morreu, presumo que de ataque cardíaco, com um ar de “sou muito ocupado e importante”.

Três dos meus advogados estão aqui hoje: Peder Sander, a celebridade, e dois de seus colegas. A mais jovem é uma garota com um corte de cabelo horrível e um piercing no nariz, mas sem joia. Acho que Sander não permitiria que ela usasse um piercing no nariz (“Tire essa porcaria agora mesmo”). Eu a chamo de Ferdinand. Ela é o tipo de pessoa que considera a palavra “conservador” um palavrão e acha que a energia nuclear é letal. Usa óculos medonhos porque acha que isso demonstra que ela entende tudo de patriarcado, além disso, ela me odeia porque, na sua opinião, sou a culpada pelo capitalismo. Nas primeiras vezes em que estive com Ferdinand, ela me tratou como se eu fosse uma blogueira de moda maluca com uma granada de mão em um avião.

— É claro, é claro! — disse ela, não ousando olhar para mim.
— É claro, é claro! Não se preocupe, estamos aqui para ajudá-la.

Como se eu estivesse ameaçando explodir todo mundo se não me dessem o meu suco de tomate biodinâmico sem gelo.

O outro advogado assistente é um sujeito por volta dos quarenta anos com uma barriga rechonchuda, rosto em forma de panqueca e um sorriso que diz “Tenho filmes em casa que guardo em ordem alfabética em um armário trancado”. Panqueca usa cabelo à escovinha. Meu pai sempre diz que não se pode confiar em alguém sem estilo em relação ao cabelo. Tenho certeza de que ele não inventou essa máxima, deve ter roubado de um filme — meu pai adora frases de efeito.

Na primeira vez em que me encontrei com Panqueca, ele cravou os olhos logo abaixo da minha clavícula, forçou a língua grossa de volta para dentro da boca e disse com uma voz áspera de prazer:

— Menina, o que vamos fazer? Você parece ter muito mais do que dezessete anos.

Ele provavelmente teria começado a ofegar se Sander não estivesse ali. Ou até babar, deixando a saliva escorrer e manchar o colete apertado demais. Não tive estômago para dizer que eu já tinha dezoito anos.

Hoje Panqueca está sentado à minha esquerda. Trouxe a maleta e a mala de rodinhas abarrotada de pastas e documentos. Ele esvaziou a última e agora as pastas estão na mesa à sua frente. As únicas coisas que permaneceram na mala foram um livro (*Prove o seu ponto: ganhar é a única opção*) e uma escova de dentes saindo de um dos bolsos internos. Sentados atrás de mim, na primeira fileira dos assentos destinados ao público, estão os meus pais.

★ ★ ★

Naquela excursão escolar, dois anos e uma eternidade atrás, nossa turma recebeu orientações prévias para que “compreendêssemos a importância” da coisa toda e “conseguíssemos acompanhar”. Duvido que tenha ajudado, mas nós nos “comportamos”, como Christer disse quando fomos embora. Ele tivera medo de que ficássemos dando risadinhas e mexendo nos celulares, sentados nos distraindo com joguinhos ou dormindo com o queixo contra o peito, como parlamentares entediados.

Lembro-me da voz grave de Christer enquanto explicava (“Ei, agora ouçam!”) que um julgamento não é algo para ser encarado de forma leviana, pois vidas estão em jogo. O réu é inocente até que o tribunal decida o contrário — ele repetiu isso diversas vezes. Enquanto Christer falava, Samir estava recostado, equilibrando-se na cadeira e meneando a cabeça como sempre, de um modo que fazia todos os professores o adorarem. Eram meneares de cabeça que diziam *Entendo perfeitamente, estamos na mesma sintonia e não tenho nada a acrescentar porque tudo o que você diz é muito inteligente.*

O réu é inocente até que o tribunal decida o contrário. Que tipo de afirmação estranha é essa? Ou você é inocente o tempo todo, ou então é culpado desde o início. Será que o tribunal não deveria tentar descobrir qual dessas opções é a verdadeira em vez de determinar o que aconteceu? A polícia, a promotoria e os juízes não estavam lá e não têm ideia de quem fez o quê, então como o tribunal pode desvendar o que aconteceu após o crime?

Lembro que questionei Christer sobre isso, que os tribunais estão errados. Os estupradores sempre escapam. Não há razão para reportar um ataque sexual porque mesmo que você tenha sido fodida à força por metade de um campo de refugiados e tenha o equivalente a toda uma caixa de garrafas enfiado entre as pernas, eles nunca acreditam na garota. O que não significa que

aquilo não aconteceu nem que o estuprador não fez o que fez.

— As coisas não são tão simples assim — argumentou Christer.

Que típica resposta de professor: “Essa é uma ótima pergunta...” “Entendo o que você quer dizer...” “Nada é tão preto no branco...” “Não é tão simples assim...” Todas essas respostas têm o mesmo significado: eles não fazem ideia do que estão falando.

Mas tudo bem. Se é difícil determinar a verdade e quem está mentindo, se não se pode ter certeza, então, o que se deve fazer?

Li em algum lugar que “a verdade é aquilo em que escolhemos acreditar” — o que parece ainda mais insano, se é que isso é possível. Como alguém pode simplesmente decidir o que é verdade e o que é mentira? Quer dizer que as coisas podem ser tanto reais quanto inventadas, dependendo de a quem se pergunta? Se alguém em quem confiamos diz algo, então nesse caso podemos concluir que é verdade, podemos “decidir que isso é verdade”. Como alguém pode ter pensado em algo tão idiota? Se alguém me dissesse que “escolheu acreditar em mim”, na mesma hora eu saberia que essa pessoa está convencida de que estou mentindo, mas prefere fingir o contrário.

Sander, meu advogado, parece indiferente a tudo isso. Tudo o que ele diz é “Estou do seu lado”, com o rosto imóvel. Sander é do tipo impassível. Tudo nele é relaxado e controlado. Nada de explosões. Nada de sentimentos. Nada de gargalhadas. Provavelmente ele nem sequer chorou quando nasceu.

Ele é o oposto do meu pai, que está longe de ser o “cara bacana” (palavras dele) que gostaria de ser. Ele range os dentes durante o sono e fica de pé quando tem jogo da seleção. Fica bravo, furioso mesmo, com os funcionários públicos pedantes, com o vizinho que estacionou em local proibido pela quarta vez na semana, com contas de luz incompreensíveis e serviços de

atendimento ao consumidor. Computadores, autoridades da imigração, o vovô, churrascos, mosquitos, calçadas cheias de neve, alemães na fila do teleférico de esqui e garçons franceses. Tudo o aborrece, tudo o faz gritar e berrar, bater portas e mandar as pessoas se ferrarem. Já o sinal mais claro de que Sander está furioso, quase enlouquecido de raiva, é quando surge uma ruga em sua testa e ele estala a língua. Nessas horas todos os seus colegas ficam aterrorizados e começam a gaguejar, procurando documentos e livros ou outras coisas que possam melhorar o seu humor. Tipo como minha mãe lida com meu pai nas raras ocasiões em que ele não está irritado e, sim, perfeitamente calmo e quieto.

Sander nunca ficou bravo comigo. Nunca ficou aborrecido por algo que eu tenha dito e jamais demonstrou mau humor por causa de uma mentira ou omissão minha.

“Estou do seu lado, Maja.” Às vezes, ele soa mais cansado do que o habitual, mas é só isso. Não costumamos falar sobre “a verdade”.

De modo geral, acho bom Sander se preocupar apenas com o que a polícia e a promotoria provaram. Não preciso me preocupar se ele planeja fazer um bom trabalho ou se só está fingindo que o fará. É como se ele tivesse pegado todos os mortos, toda a culpa e toda a agonia e transformado em números — se as equações não baterem, então ele ganha.

Talvez as coisas devessem ser assim mesmo. Um mais um não pode ser igual a três. Próxima pergunta, por favor.

Mas é claro que isso não me ajuda em nada. Porque ou algo aconteceu, ou não aconteceu. Não tem jeito. Todo o resto é enrolação — o tipo de coisa que os filósofos fazem, bem como (aparentemente) um ou outro advogado. São conceitos. “Não é tão simples assim...”

Mas eu me lembro da insistência de Christer antes da excursão

ao tribunal, fazendo de tudo para que prestássemos atenção. Ele escreveu no quadro: *O réu é inocente até que o tribunal decida que é culpado. Esse é um princípio fundamental da lei.* (Samir voltou a assentir.) Christer pediu que anotássemos. Copiem isso. (Samir copiou embora não precisasse.)

Christer adorava qualquer frase curta o bastante para ser decorada e transformada em uma questão de prova. A resposta correta valeu dois pontos na prova que fizemos duas semanas depois. Por que não um ponto? Porque Christer achava que havia uma margem de incerteza em respostas decoradas, que o aluno poderia estar quase certo. *Não, um mais um pode não ser igual a três, mas vou dar parte da pontuação para você porque respondeu de forma numérica.*

Essa excursão ao tribunal com Christer foi há mais de dois anos. Sebastian não participou dela, ele só entrou para a nossa turma no último ano, que teve de repetir. Eu gostava da escola naquela época, muito mesmo. Gostava dos meus colegas de classe e dos professores que tivemos desde os tempos de ensino fundamental: Jonas, o de química, que falava bem baixinho, nunca se lembrava do nome de ninguém e esperava pelo ônibus carregando a bolsa na frente do corpo. Mari-Louise, a de francês, que usava óculos e tinha cabelo de dente-de-leão, e que chupava balas de alcaçuz com tanta força que a boca ficava pequena e enrugada como um morango silvestre. Friggan, o de educação física, que parecia um deque de madeira recém-polido: tinha cabelo curto, gênero indistinto, apito pendurado no pescoço e panturrilhas largas, brilhantes e raspadas e estava sempre cercado pelo fedor de meias esportivas e do suor de outra pessoa. A distraída Malin, nossa professora de matemática, uma loura de farmácia insatisfeita que vivia atrasada, ficava doente uns dois dias por semana e cuja foto de perfil do Facebook era uma imagem de si mesma vinte anos mais magra e com um biquíni minúsculo.

E Christer Svensson. Dedicado de um modo “vamos nos encontrar em Mariatorget para protestar”, normal de um jeito “arroz com feijão”. Ele achava que shows de rock podiam livrar o mundo das guerras, da fome e das doenças e sempre falava com aquela voz de professor superentusiasmada que não deveria ser usada para outra coisa que não fazer um cão abanar o rabo.

Todos os dias, Christer trazia para a escola uma garrafa térmica com café com tanto açúcar e leite que mais parecia base líquida. Ele o servia em sua caneca (“O Melhor Pai do Mundo”) e a levava consigo para a sala para voltar a enchê-la durante as aulas. Christer adorava rotina, a mesma coisa todos os dias, a música favorita tocando em modo de repetição. Ele provavelmente comia a mesma coisa no café da manhã desde que tinha quatorze anos: algo à la esquador de cross-country, uma espécie de mingau com groselha e leite integral. (“O café da manhã é a refeição mais importante do dia!”) Tenho certeza de que ele bebia cerveja toda vez que se encontrava com os amigos (os “camaradas”), comia tacos com a família toda sexta-feira e ia à pizzaria (uma que tivesse lápis de cor e papel para as crianças desenharem) e dividia uma garrafa de vinho tinto da casa com “a patroa” quando queria celebrar algo grande e importante. Christer não tinha imaginação: ele fazia passeios com guias, nunca cozinhava com coentro e só fritava coisas na manteiga.

Ele foi nosso professor no primeiro ano do ensino médio. Pelo menos uma vez por semana, reclamava que o clima andava estranho (“Não há mais estações definidas”) e todo novembro reclamava que as decorações de Natal estavam sendo instaladas cada vez mais cedo (“Logo haverá uma árvore de Natal em Skeppsbron em setembro”).

Ele reclamava dos tabloides vespertinos (“Por que alguém leria essas merdas?”) e dos programas de TV *Strictly Come Dancing*, *Eurovision* e *Paradise Hotel* (“Por que alguém veria essas merdas?”).

E acima de tudo odiava os nossos celulares (“Vocês são vacas? Com esses aplicativos de bate-papo tocando e apitando o tempo todo bem que poderiam usar sinos pendurados no pescoço... Por que perdem tempo com essas merdas?”). Toda vez que se queixava, ele parecia satisfeito, acreditava estar sendo jovem e “bacana” (não era só meu pai que usava essa palavra) e que aquilo era prova da proximidade que tinha de seus alunos a ponto de poder dizer palavras como “merda” na nossa frente.

Christer enfiava um sachê de tabaco úmido sob o lábio superior após cada caneca de café e depois o cuspiu em um guardanapo antes de jogá-lo fora — ele gostava das coisas limpas e arrumadas, até mesmo seu lixo.

Quando o julgamento do sonegador de impostos terminou e voltamos para a escola, ele ficou satisfeito, pois achou que tínhamos nos saído “bem”. Christer estava sempre “satisfeito” ou “preocupado”, nunca alegre ou completamente furioso. Sempre dava pelo menos parte da pontuação nas respostas decoradas.

Ele estava deitado quando morreu — com os braços ao redor da cabeça e os joelhos dobrados, mais ou menos como minha irmãzinha Lina fica quando dorme profundamente. Sangrou até a morte antes da chegada da ambulância, e eu me pergunto se a mulher e os filhos dele acham que as coisas não são tão simples assim e que eu sou inocente porque nenhum tribunal determinou ainda que sou culpada.

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

2.

Foi minha mãe quem comprou as roupas que estou usando hoje. Mas eu bem que poderia estar vestindo um macacão listrado de preto e branco, já que estou fantasiada.

Se parar para pensar, garotas estão sempre fantasiadas. Vestem-se como a garota bonita e antenada ou como a séria e inteligente. Ou como a desligada, do tipo “não me importo com a minha aparência”, de rabo de cavalo desarrumado de propósito, sutiã de algodão sem bojo e camiseta puída quase transparente.

Minha mãe tentou me vestir como uma garota perfeitamente normal de dezoito anos que acabou no tribunal sem ter culpa de nada. Mas minha blusa está apertada no busto: como engordei na prisão, há pequenos vãos redondos entre os botões. Estou parecendo uma vendedora que vestiu um jaleco para correr atrás de pessoas em shoppings com amostras de produtos de beleza. *Não pense que você está enganando alguém.*

— Você está muito linda, querida — murmurou minha mãe de seu lugar na frente do local destinado ao público.

Ela sempre faz isso, lança elogios na minha direção, como um lixo que espera que eu recolha. Elogios inventados que nada têm a ver com a realidade. Eu não sou “linda” nem sou “boa em desenho”. Eu não deveria *cantar mais* ou *fazer aulas de teatro* depois da escola. É um baita insulto minha mãe sugerir que eu faça essas coisas porque isso prova que ela não faz a menor ideia daquilo em que realmente sou boa ou quando eu de fato estou linda. Minha mãe não tem interesse suficiente em mim para conseguir fazer

um elogio verdadeiro.

Ela sempre foi incrivelmente sem noção. “Vai brincar um pouco se quiser”, sugeria naqueles últimos meses, quando ela não tinha mais energia para fingir que queria que eu “ficasse e falasse sobre o meu dia”. *Ir brincar um pouco?* Eu tinha idade suficiente para votar e comprar bebida alcoólica. Pelas leis da Suécia, já podia transar havia três anos. O que ela achava que eu ia fazer? Brincar de esconde-esconde com os vizinhos? *Um, dois, três, quatro, lá vou eu*, voltas ofegantes ao redor do jardim para olhar atrás do mesmo velho arbusto, dentro do mesmo velho armário, atrás do mesmo velho guarda-sol de jardim quebrado na garagem. “Você se divertiu?”, perguntava quando eu voltava com a roupa fedendo a maconha. “Pode pendurar o seu casaco no porão, querida?”

Na noite passada conversei com ela por telefone. Notei que sua voz estava mais alta que o normal — essa é a voz que ela usa quando alguém está escutando a conversa ou quando está fazendo outras coisas ao mesmo tempo. Minha mãe vive no modo multitarefa, arrumando a casa, mudando objetos de lugar, limpando bancadas, colocando as coisas em ordem. Ela está constantemente nervosa, agitada. Sempre foi assim, a culpa não é minha.

— Vai ficar tudo bem — disse ela. Várias vezes, enrolando-se com as palavras. Eu não falei muito, só fiquei ouvindo sua voz alta demais. — Vai dar tudo certo. Não se preocupe, vai dar tudo certo.

★ ★ ★

Sander tentara explicar o que aconteceria durante a audiência, o que eu devia esperar. Na prisão, cheguei a assistir a um vídeo

informativo no qual atores sofríveis encenavam o julgamento de dois caras envolvidos em uma briga de bar. O réu foi considerado culpado, mas não de todas as acusações, apenas, tipo, de metade delas. Quando terminamos de ver o vídeo, Sander perguntou se eu tinha alguma pergunta. Respondi que não.

O que mais lembro do julgamento do sonegador fiscal a que assistimos na excursão da escola é que foi muito silencioso. Todo mundo falava baixinho, fazendo com que todos os outros ruídos soassem exagerados: alguém pigarreando, uma porta se fechando, uma cadeira arrastando no chão. Se alguém tivesse esquecido de colocar o celular em modo silencioso e recebesse uma mensagem de texto, o barulho teria soado tão alto como quando as luzes se apagam no cinema e eles mostram que acabaram de instalar um novo sistema de som surround.

E, enquanto tudo estava silencioso, o sonegador de impostos permaneceu sentado, afastando o cabelo oleoso da testa. Quando o promotor leu as acusações em voz alta, o homem olhou para o advogado e sibilou seu ressentimento indignado. Lembro de ter achado o cara um idiota. Afinal, por que estava fingindo surpresa? O promotor e o advogado do idiota falaram, cada um a seu tempo, leram em voz alta, repetiram a mesma coisa duas ou três vezes e pigarrearam demais.

O espetáculo foi muito chato — não porque não era “como nos filmes”, mas porque todos os envolvidos pareciam superentediados. Até o criminoso aparentava ter dificuldade em se concentrar. Mesmo no mundo real, todos não passavam de péssimos atores que não tinham se dado o trabalho de decorar suas falas.

Mas Samir não achou nada daquilo ridículo. Ele se inclinou na cadeira desconfortável, apoiou os cotovelos nos joelhos e esfregou a testa. Essa era a sua especialidade: mostrar como ele era correto, o quanto levava a sério as coisas sérias. Samir se

comportava como se considerasse aqueles fracassados de ternos de poliéster os oradores mais fascinantes que já ouvira na vida. E Christer ficou satisfeito — pelo tribunal e pelo Sêrio Samir. O cara raramente precisava abrir a boca para puxar o saco de Christer. Mais tarde, Amanda e eu debochamos dele por causa disso; adorávamos provocá-lo. Mas Labbe deu um tapinha no ombro dele como se Samir fosse seu filho caçula que acabara de marcar o gol da vitória em um jogo de futebol. “Samir entendeu”, disse Labbe, no que o rapaz sorriu. “Samir sempre entende.”

Quando eu estava no segundo ano do ensino médio, as coisas também iam muito bem em casa. Minha mãe e eu ainda conversávamos sobre coisas que não tinham nada a ver com a hora que ela achava que deveria ser meu toque de recolher. Minha mãe tinha orgulho de mim, ou pelo menos da maneira como havia me criado. Ela se gabava dos métodos eficazes que utilizava para me levar a fazer exatamente aquilo que facilitava a sua vida. Contava histórias de como, com apenas quatro meses, eu já dormia a noite inteira, como eu comia “de tudo” e como segurei sozinha a colher na primeira vez em que experimentei alimentos sólidos. Como eu quis ir à escola um ano mais cedo porque achava a pré-escola entediante. Como eu pedi para ir à escola sozinha antes de completar oito anos e como eu “adorava” ficar sozinha em casa sem babá. Ela conta que me deu uma bicicleta de equilíbrio antes de me dar uma de verdade e que, graças a isso, nunca precisou se curvar e segurar o para-lama para evitar que eu caísse. E *puft!*: aprendi a andar de bicicleta do nada para que ela pudesse caminhar ao meu lado com suas roupas

esvoaçantes, rindo alto na medida certa. Nunca conversamos sobre o que minha mãe fez por *mim* para tornar a *minha* vida mais fácil, mas, naquela época, ela estava convencidíssima de que eu era assim tão sem problemas, tão fácil de lidar, graças a tudo o que ela fizera de certo.

★ ★ ★

Acho que hoje, aqui no tribunal, também está silencioso, mas não como no julgamento do sonegador fiscal. O ar está pesado por causa de todas as pessoas importantes com a expectativa de que coisas importantes aconteçam. Provavelmente a promotora e os advogados estão morrendo de medo de fazerem papel de bobos. Até Sander está nervoso, embora só quem o conheça consiga perceber.

Eles querem mostrar do que são feitos. Quando falou sobre como achava que a audiência seria, Panqueca usou palavras como “as probabilidades” e “as nossas chances”, como se ele fosse o meu treinador de basquete e eu fosse o armador. Ele quer *ganhar*. Panqueca só calou a boca quando Sander estalou a língua.

Os procedimentos do dia se iniciam no momento em que o juiz principal faz uma espécie de chamada. Ele pigarreja ao microfone e as pessoas param de sussurrar umas com as outras. Então verifica se todos os que deveriam estar presentes estão de fato. Eu não preciso levantar a mão e dizer “presente”, mas o juiz meneia a cabeça e lê o meu nome, depois ele faz o mesmo gesto para os meus advogados e também lê o nome deles. Ele fala devagar, mas não com monotonia — está tão inflado de solenidade que periga arrebentar as costuras de seu terno horroroso.

O juiz principal me dá as boas-vindas, e o faz com sinceridade.

Eu não *agradeço as boas-vindas*, porque não devo responder, mas acho que estou fazendo tudo certinho. Estou me portando mais ou menos como deveria: eu não sorrio, não choro, não enfio o dedo em nenhum orifício. Minhas costas estão retas, mas não muito, e estou tentando evitar que os botões da minha blusa arrebentem.

Quando o juiz avisa à promotora que ela pode começar, a mulher parece tão pilhada que acho que vai se levantar. Mas ela simplesmente aproxima a cadeira, inclina-se em direção ao pequeno microfone em forma de canudo, aperta um botão e pigarreja — é como se estivesse se posicionando para uma largada.

Na sala de espera dos advogados, onde aguardamos sentados antes de entrarmos aqui, Panqueca me contou que as pessoas estavam fazendo fila para entrarem no tribunal. “Parece até um show”, disse ele, quase orgulhoso. Sander fez cara de que queria socá-lo.

Não há nada neste julgamento que se assemelhe a um show. Não sou uma estrela de rock. As pessoas que vieram me ver não são fãs enlouquecidos, são apenas carneiros. Quando os jornalistas me usam como isca na primeira página, isso fede a morte e as hienas ficam ainda mais agitadas.

Mas ainda assim Sander quis que a audiência fosse aberta — na verdade, exigiu que a mídia e o público em geral fossem admitidos, mesmo eu sendo tão nova. Ele não fez isso para que Panqueca se sentisse o maioral, mas porque “é crucial evitar que a promotora monopolize as manchetes”. Isso quase com certeza significa que ele está ansioso para exibir as próprias contribuições, mas talvez ele também imagine que as pessoas que me odeiam mudarão de ideia ao ouvirem “a minha versão” dos fatos. Sander está errado: isso não fará a menor diferença, pois as pessoas adoram me odiar, elas odeiam tudo a meu respeito. *Como um*

show? Pelo visto é bem improvável que Panqueca tenha sequer chegado perto de algum show ao vivo que não fosse nerd. Aposto que ele ouve o canal de rock clássico e canta junto os jingles de comerciais de carros perfeitos para famílias.

Nove meses atrás, uma semana depois que tudo aconteceu, houve tumultos em Djursholm. Uns caras pegaram o metrô para Mörby, fizeram a baldeação para o ônibus 606 e cruzaram todas as oito paradas até a praça Djursholm, para poderem “ensinar uma ou duas coisinhas para aqueles filhos da puta”. Ou, como expressaram os mais articulados, “aqueles esnobes de merda”.

Em geral, os tumultos ocorrem nos próprios bairros degradados dos arruaceiros: nos conjuntos habitacionais, centros comunitários, entre motoqueiros reabilitados que são “líderes juvenis” e “contatos da comunidade” porque nenhum empregador normal quer chegar perto deles. Quando dizem que “as ruas estão em chamas”, os jornais em geral estão falando de latas-velhas com purificadores de ar em forma de árvore destruídas, veículos corporativos não totalmente cobertos pelo seguro que são vendidos assim que um dos espelhos elétricos laterais dá defeito. Mas não foi isso que aconteceu dessa vez.

Durante três dias e três noites, a guerra foi total na praça Djursholm e ao redor da casa de Sebastian em Strandvägen, a rua residencial mais elegante, à beira-mar. Na segunda noite, havia uns cinquenta envolvidos, de acordo com Sander, que me mostrou as matérias.

Quebraram vitrines nas antiquadas lojas da praça. O que eles saquearam: blusas com laços na gola, colchas de tartã e garrafas de cristal para vinho? E para onde eles foram depois de serem expulsos da propriedade dos Fagerman? Até a nossa casa? Eles saberiam o caminho? E, considerando o quanto minha mãe achava importante “dizer olá para demonstrar respeito” para o primeiro mendigo que encontrasse sentado do lado de fora da

Coop em Vendevägen com um copo descartável e um cobertor manchado de urina, o que será que ela fez quando viu os bastões de beisebol e os coquetéis Molotov? “Olá. Tenham um bom-dia. Aproveitem o fim de semana.” Tenho curiosidade de saber o que ela disse à Força-Tarefa Nacional durante os dias em que ajudaram a “manter a ordem” do lado de fora da nossa casa.

Os jornais que Sander me mostrou questionavam: *Por quê?* Ponderavam se aquilo tinha a ver com o que Sebastian e eu “simbolizávamos”, com aquela história de que éramos “uma manifestação” ou com o que aquilo que fizéramos “desencadeou”. Será que os tumultos começaram porque o que aconteceu foi tão incrivelmente terrível? Será que os arruaceiros estavam mais furiosos porque éramos ricos e eles, não? Ou será que a violência irrompeu só porque um bando de bandidos menores queria um motivo para brigar (e porque não havia jogo de futebol naquele fim de semana para poderem vandalizar)? Seja qual for o motivo, arruaceiros não serão admitidos aqui, no tribunal.

A galeria está repleta de jornalistas, com muitos deles digitando em laptops. Ninguém tem autorização para tirar fotos: “é proibido fotografar” e parece que todos tiveram de entregar o celular na entrada. De qualquer modo, alguns jornalistas estão usando até caneta e bloco de nota.

Também há um pobre artista aqui. Daria para pensar que sou um personagem tirado de um livro de Dickens, uma criança pulguenta passível de ser condenada à forca. Ou uma espécie de personagem trágica como Elvira Madigan tirada de um velho cartaz. *Por que, mesmo em nosso tempo, a tragédia pode ocorrer.* Nós cantávamos essa música no ensino fundamental. Evidentemente, Amanda chorava — ela ficava linda chorando, mas não estava triste de verdade (“adorável!”). Conseguia ainda mais atenção com aquilo que o habitual.

Amanda é descrita como minha melhor amiga nos jornais, na TV e no relatório do caso. Até o meu advogado a chama assim. *Minha melhor amiga.*

Amanda era a pessoa com quem eu mais passava tempo além de Sebastian? Sim, era. Amanda era a pessoa com quem eu mais conversava além de Sebastian? Sim, era. Ela está comigo em umas duzentas e sessenta fotos minhas no Facebook? Ela falou comigo por Snapchat em média duas horas por dia durante os primeiros quatro dos seis meses de registros telefônicos obtidos pela polícia? Ela me marcou em mais de cem posts com a hashtag #melhoramiga no Instagram? Sim. Sim. Sim.

Eu amava a Amanda? Ela era minha melhor amiga? Não sei.

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

3.

De qualquer modo, eu adorava ficar com Amanda. Quase sempre estávamos juntas. Nós nos sentávamos uma ao lado da outra na sala de aula e durante o almoço. Fazíamos o dever de casa juntas e matávamos aula juntas. Fofocávamos sobre garotas que nos irritavam (“não que eu seja maldosa, mas...”), subíamos degraus, caminhávamos e corríamos em aparelhos diferentes na academia, sem destino certo. Nós nos maquiávamos juntas, fazíamos compras juntas, conversávamos por horas, sem parar, ríamos do jeito como as meninas riem nos filmes quando uma delas está deitada de barriga para baixo na cama enquanto a outra fica de pé no colchão com a camisola curta demais, usando uma escova de cabelo como microfone e movendo os lábios ao som de uma boa música ou imitando uma das garotas nerds da escola.

Íamos às festas juntas. Amanda logo ficava bêbada. Ela sempre seguia o mesmo padrão: rir, rir, dançar, cair, rir mais um pouco, deitar em um sofá, chorar lágrimas quentes que escorriam pelas orelhas, vomitar, ir para casa. Sempre cuidei dela, nunca foi o contrário.

Eu gostava de estar com Amanda, de como conseguíamos ignorar o resto do mundo. Com ela, parecia óbvio que a vida fora feita para nos divertirmos o máximo possível. E seu número de louca burra também era muito engraçado. Quando alguém perguntava sobre o clima, ela respondia “chinelo de dedo” ou “semiopaco”. Quando estava muito frio, ela retrucava: “Está ótimo para uma social depois do esqui”, então ia para a escola

vestindo calça térmica, botas para neve e um casaco comprido com colarinho de pele de coelho.

Seria fácil demais dizer que Amanda era superficial. Claro, jamais daria para ela trabalhar como colunista de um jornal sério. Para ela, “a opressão é terrível”, “o racismo é terrível” e “a pobreza é superterrível”. Sempre que falava algo positivo, ela ficava fazendo pausas e repetia as palavras duas vezes ao dar opiniões. Muito bom, bom mesmo, super, superaconchegante e bem, bem pequenininho. (Na verdade, a última frase é uma triplicação, certo?) Suas opiniões sobre política, igualdade ou qualquer outra questão eram baseadas nos três episódios e meio de relatórios investigativos a que ela assistiu (e chorou) em *Mission: Report*. Quando via vídeos no YouTube sobre o homem mais obeso do mundo saindo de casa pela primeira vez em trinta anos, dizia: “Shh! Agora não, estou assistindo ao noticiário.”

O que Amanda mais gostava era de falar sobre seus problemas com a ansiedade. Ela se inclinava e sussurrava sobre quão difícil era ter insônia e transtornos alimentares (“É realmente super, superdifícil”). Houve uma época em que dizia que “tinha que” evitar a cor verde e o número nove, além de “ter que” evitar os meios-fios das calçadas (“Quer dizer, não é que eu queira evitá-los, mas tenho que evitá-los porque senão acho que vou morrer, morrer de verdade, quer dizer, tipo, morrer para valer.”). Às vezes, ela elevava o tom de voz quando não conseguia a reação esperada. Fingia que certa queimadura que sofreu quando tentamos fazer panquecas depois da escola fora provocada por outra coisa, algo a respeito do qual “preferia não falar”. A ideia era fazer com que pensassem que fora uma tentativa de suicídio — jamais lhe passou pela cabeça que eu poderia contar a verdade para todo mundo.

Mas seria muito simples dizer que ela mentia, ou pelo menos isso não era tudo o que ela fazia. Claro, às vezes ela achava que a

vida era um saco, também achava que ansiedade era como se preocupar se vai perder o ônibus e que sofria de bulimia porque ficava enjoada quando comia uma barra de chocolate com nozes em menos de dez minutos.

É óbvio que Amanda era mimada — pela mãe, pelo pai, pela terapeuta e pelo tratador do seu cavalo. Mas não se tratava apenas de roupas e coisas, era algo mais. Com seus pais, seu professor — com qualquer autoridade, incluindo Deus —, ela reservava a mesma atitude que tinha para com pessoas da indústria de serviços, como se todos fossem concierges de um hotel de luxo. Simplesmente esperava receber ajuda em tudo: uma pinta no nariz, um brinco perdido, atendimento de emergência e vida eterna. A existência ou não de Deus era para ela algo irrelevante, mas é claro que Ele tinha que ajudar o seu primo com câncer porque isso era “muito, muito triste” e seu primo era “super, superfofo, mesmo estando careca”. Ela sentia pena de pessoas com problemas, mas ficava magoada porque, em troca, elas não se sentiam tão tristes por ela.

E era egocêntrica. Amanda dedicava tanto tempo ao cabelo, que batia na cintura, quanto alguém dedicaria a uma avó moribunda. As pessoas achavam que ela era legal, mas, na verdade, ela não era. Sempre perguntava duas vezes se você queria leite no café (“Você tem certeza?”), fazendo com que se sentisse gorda. Dizia coisas do tipo “Queria tanto ser como você e apenas desencanar e não ligar a mínima para a minha aparência” e “Uau, você é incrivelmente fotogênica” esperando que você agradecesse já que ela não percebia que você considerava aquilo um insulto.

E, claro, achava que “política é superimportante”, mas não se empenhava a ponto de querer integrar um grupo de jovens, fazer acampamento e praticar arco e flecha com outras pessoas vestindo calções. Ela jamais pintaria o cabelo de preto, atearia fogo a uma

fazenda de martas nem mesmo teria energia para ler uma matéria sobre vazamentos de ozônio ou diminuição de recifes de corais. Amanda definitivamente não era engajada em política do modo como todos os professores achavam que Samir era apenas porque o pai dele fora preso e torturado por suas convicções.

Para ela, política significava que o governo deveria pagar pela cirurgia de redução de estômago que pretendia fazer caso chegasse a pesar “uns sessenta quilos”. O que seria “mais do que justo, considerando os impostos que nós pagamos”. E por “nós” ela não se referia à mãe, porque o único dinheiro que a mãe controlava era o troco que recebia toda vez que ia ao supermercado. Sua mãe depositava esse dinheiro no banco, naquilo que chamava de “conta de trocados”, mas Amanda revirava os olhos toda vez que ouvia falar na conta, pois a desprezava. Ela me contou tudo isso, mas só porque considerava a mãe uma idiota — não porque achasse estranho a mulher poder reservar uma viagem-relâmpago para Dubai para a família com voos de primeira classe e hotel de luxo e precisasse esconder dinheiro insignificante para comprar uma calça nova sem pedir permissão.

Nunca ficou claro como Amanda se tornou parte do “nós” com o pai dela e o dinheiro dele e como ela acreditava contribuir para a economia.

Durante uma discussão sobre política com Christer alguns meses antes de tudo acontecer, chegamos ao tema Che Guevara.

— Acho absolutamente horrível matar crianças — ponderou Amanda. — Embora eu não esteja muito familiarizada com o que está acontecendo no Oriente Médio.

Samir estava sentado atrás dela na sala de aula, por isso Amanda meio que teve que fazer uma pausa para que ele entendesse que ela estava falando com ele.

— Por isso eu compreendo muito bem por que você odeia os

americanos — comentou Amanda, quando o garoto finalmente fez contato visual.

Não lembro o que Christer disse, só que Samir olhou para mim — direto para mim, não para Amanda. Ele achou que era minha culpa Amanda não saber quem era Che Guevara ou a diferença entre América Latina, Israel e Palestina. E de algum modo pensar que Samir tinha algum problema com os Estados Unidos.

Sim, Amanda tinha um jeito Disney Channel de ser engajada politicamente e às vezes era difícil considerá-la super, superfofa. Era raro discutirmos política: me dava dor de cabeça e deixava Amanda mal-humorada, pois sabia que ficava evidente que ela não tinha a menor noção do que estava falando.

Mas havia muitos momentos em que eu pensava que ela e eu éramos tão diferentes que acabávamos sendo muito semelhantes — como quando eu estava deitada em seu tapete ouvindo ela falar empolgada “agora estamos em um delicioso filme adolescente onde todos pulam dentro de seus conversíveis sem abrir as portas” com tanta atenção como se fosse música de elevador. Amanda fingia se envolver com as coisas e eu fingia não me importar. E éramos tão boas em fingir que enganávamos a todos, inclusive a nós mesmas.

★ ★ ★

A promotora ainda não começou a falar sobre Amanda, está guardando para o *crescendo*. Em vez disso, concentra-se em Sebastian.

Sebastian, Sebastian, Sebastian. Ela falará sobre ele por dias. Todos falarão. O tempo todo. Se tem alguém que parece um astro do rock nisso tudo, esse alguém é Sebastian. Sander me

mostrou as fotos que a imprensa arranjou. A imagem em preto e branco da turma de Sebastian estampou a capa de pelo menos vinte revistas do mundo inteiro, incluindo a *Rolling Stones*. Mas outras fotos foram publicadas. Sebastian com um cigarro na boca. Sebastian bêbado com gotas de suor na testa. Sebastian de pé na popa de seu barco enquanto navegávamos pelo Canal Djurgårdsbrunn, a caminho de Fjäderholmarna, na qual estou sentada aos seus pés, com a cabeça apoiada nele. Há outra, da mesma viagem, em que Samir está sentado ao meu lado, olhando em outra direção, para longe de nós. Parece que o forçamos a vir, como se estar com a gente o deixasse mareado. Amanda está sentada do outro lado — dentes brancos, pernas bronzeadas, olhos azuis, toneladas de cabelo esvoaçando na direção certa. Claro que Dennis não aparece nessas fotos publicadas pela imprensa, mas há imagens dele no relatório da investigação. Sebastian tinha algumas em seu celular — ele gostava de tirar fotos de Dennis bêbado, por isso não sei por que eles não as usaram. O fato é que há fotos dele e Dennis juntos, igualmente bêbados, chapados, loucos. Sebastian está lindo em todas, enquanto Dennis está bem Dennis.

A promotora falará mais sobre o que Sebastian fez do que sobre qualquer outra coisa, porque, segundo ela, tudo o que ele fez nós fizemos juntos. Não sei como aguentarei ouvir isso, mas é perigoso perder o foco porque aí os sons virão.

O som quando invadiram a sala de aula e me arrastaram para fora, o ruído oco quando o crânio de Sebastian bateu no chão. Todos ressoam dentro de mim. Assim que baixo a guarda, eles voltam. Cravo as unhas nas palmas das mãos, tentando fugir, mas não funciona, não consigo me livrar. Meu cérebro sempre me arrasta de volta para aquela maldita sala de aula.

Às vezes, sonho com aquilo. Em como estavam as coisas pouco antes de eles chegarem. Eu tento conter o sangue dele

com a mão; ele está deitado no meu colo e estou pressionando o mais forte possível. Não consigo impedir que o sangue jorre, não importa quão forte eu pressione: é como tentar evitar a saída da água quando uma mangueira começa a se soltar da torneira. Você sabia disso: que o sangue jorra com muita força? Que é impossível detê-lo com as mãos? E Sebastian ficou frio — à noite ainda sinto isso, diversas vezes, o modo como as suas mãos se tornaram cada vez mais frias. Acontece depressa. Também sonho com o momento em que Christer deu o último suspiro. Soou igual a quando se joga soda cáustica em um cano. Eu não sabia que dava para sonhar com a sensação da pele de outra pessoa nem com ruídos, mas dá, sim, porque acontece comigo o tempo todo.

★ ★ ★

No tribunal, tento evitar olhar para as pessoas que estão aqui para me ver. Nem olhei para o meu pai ao entrar, mas minha mãe me tocou quando passei por ela. Havia algo no seu olhar que não reconheci: ela sorriu para mim e inclinou a cabeça para o lado, e os cantos de seus lábios se curvaram para cima com uma expressão que deveria me lembrar do que ela falara ao telefone no dia anterior. Um sorriso de “vai dar tudo certo”. Mas ela estremeceu pouco antes de eu desviar o olhar, um microssegundo cedo demais, para se livrar de algo.

Antes de tudo isso acontecer, o maior desafio da minha mãe era tentar viver sem comer carboidrato. Ela ganhava e perdia peso tão depressa que dava para pensar que trabalhava com isso e ela ficava realmente orgulhosa quando mantinha a alimentação sob controle. E agora ela está aqui. Quase tudo está naquele relatório da investigação. Não apenas sobre aquele dia: o relatório fala sobre as nossas festas, o que Sebastian fez, o que eu fiz. E sobre

Amanda. Minha mãe adorava Amanda — ela também adorava Sebastian, pelo menos no início, mas é possível que agora prefira não admitir isso.

Eu me pergunto se minha mãe acredita na “minha história”, se ela “escolheu” acreditar. Mas ela não disse nada, e eu também não perguntei. Como poderia? Eu não via os meus pais desde a audiência de custódia nove meses antes, e nossos telefonemas não podem ser considerados confidenciais, nem mesmo em termos jurídicos.

Não é estranho? Faz nove meses desde que minha mãe, meu pai e eu estivemos juntos na mesma sala. Embora também não tenhamos ficado juntos de verdade daquela vez. Acabei vendo-os através do vidro entre a sala de audiências da prisão — que era do tamanho de uma sala de aula — e a fileira de assentos destinada ao público, onde tenho certeza de que tiveram de ficar sentados por uns quinze minutos antes de o juiz declarar que a audiência de custódia seria realizada a portas fechadas, e todos, incluindo os meus pais, foram dispensados.

Chorei sem parar durante a audiência de custódia. Eu já estava chorando quando entramos — estava me sentindo tão normal e tão enjoada quanto um ganso de *foie gras* alimentado à força, e meus pais pareciam aterrorizados.

Minha mãe estava com uma blusa nova na audiência de custódia, uma que eu nunca tinha visto. Pergunto-me o que ela estava usando naquele dia, quando tudo estava tão confuso — antes de ela saber. Talvez você pense que ela estava vestida como uma mãe que sabia sem sombra de dúvida que tudo não passava de um grande mal-entendido e que nada daquilo era culpa da sua filha. Mas acho que ela estava vestida como uma mãe que fizera tudo certo, uma mãe que não podia ser culpada por coisa alguma, o que quer que fosse.

A audiência de custódia foi realizada três dias após a minha chegada à prisão, e eu gostaria de não ter chorado tanto. Gostaria de ter quebrado aquele vidro para poder perguntar à minha mãe coisas sem a menor importância.

Queria perguntar se ela tinha arrumado a minha cama depois que fui à casa de Sebastian — Tanja não trabalhava às sextas-feiras. Será que a cama ficou intocada até a polícia chegar? E depois? O que aconteceu? Tanja limpou o meu quarto ou meus pais a proibiram de entrar ali, como os pais fazem quando os filhos morrem e eles deixam o quarto intacto por trinta anos e o lugar apenas permanece como era quando o filho esteve ali pela última vez?

Eu queria que os meus pais fizessem isso, queria que me dissessem que tudo estava exatamente como quando eu saí, que a polícia não havia mudado nada, que aquela vida, a minha vida, a minha vida de antes, estava congelada no tempo, preservada, embrulhada em grossas camadas de bandagens de múmia. Se sobrevivesse àquilo e voltasse para casa, eu queria que as coisas ao meu redor me fossem familiares.

Mas é óbvio que eles não podiam dizer isso. E provavelmente não teria importado se minha mãe tivesse arrumado ou não a minha cama. Eu já sabia que a polícia revistara a casa porque eles me contaram durante o interrogatório. Contaram também que estavam com o meu computador e que tinham pegado o meu celular no hospital (precisei dar todas as minhas senhas, de cada fórum, de cada aplicativo, de todos os sites que eu visitava). Quando perguntei o que mais eles tinham pegado, responderam:

— Quase tudo... Seu iPad, documentos e... livros, lençóis, as roupas que usou na festa.

— Que roupas? — perguntei.

Então eles responderam, como se fosse a coisa mais normal do mundo:

— O vestido, o sutiã e a calcinha.

Eles pegaram as minhas roupas íntimas usadas. Por que fizeram isso? Eu queria quebrar o vidro e pedir que minha mãe me explicasse, porque eu não queria perguntar para Sander. Queria perguntar a ela: “Mãe, por que eles pegaram a minha calcinha?” Eu não queria conversar com Sander sobre nada que contivesse secreções minhas.

Também queria saber o que os meus pais fizeram com as coisas que a polícia deixou para trás. Eu me perguntava se haviam deixado Tanja lavar o meu cheiro das outras roupas. Sempre achei que ela gostava de pendurar a roupa para secar, ajeitando as dobras, esticando as costuras, desfazendo os vincos. Suéteres de cabeça para baixo, com os braços pendendo, desanimados, como se tivessem desistido de viver. E as meias dispostas em pares, duas sob cada pregador para facilitar a organização das peças mais tarde.

Eu me perguntava se eles haviam deixado Tanja me lavar dali. Ou se todas as manhãs minha mãe olhava para a faca de manteiga, a que eu sempre me esquecia de deixar na pia, e pensava: *Ela estava bem aqui, mas agora não está mais.*

Mãe?, eu tinha vontade de gritar bem alto. *O que está acontecendo?*

Mas havia um vidro entre nós. E quase não tive tempo de me sentar antes que o juiz mandasse todos embora. Não recebi respostas; em vez disso, fui presa.

Certa vez, muito antes de tudo acontecer, perguntei à minha mãe por que ela nunca me fazia perguntas sobre coisas importantes. “O que você quer que eu pergunte?”, questionou. Ela nem tentou adivinhar.

Hoje ela e meu pai têm permissão para ficar. Estão

acomodados em assentos reservados, creio que nos “melhores” assentos, na primeira fila, mais perto de mim (mesmo estando a alguns metros). E minha mãe engordou: ainda está vestida como uma mãe que não fez nada de errado, mas talvez tenha descontado suas emoções na comida, quem sabe? Ingerindo massa gordurosa com manteiga, queijo e ketchup, devorando carboidratos simples. Considerando o que eu fiz, ela tem desculpa para praticamente qualquer coisa, até mesmo para engordar. Todo mundo vai entender. E eles a desprezarão de qualquer maneira, estando magra ou não.

O pescoço da minha mãe sempre fica com manchas vermelhas quando ela está nervosa, e ela sempre fica nervosa quando tenta explicar alguma coisa. É impossível se concentrar no que ela está dizendo, porque você só consegue olhar para as manchas. Talvez seja por isso que minha mãe raramente diz o que pensa: é muito arriscado. Ela se restringe a perguntar a opinião do meu pai, que a divide quando está de bom humor. E, então, podemos ter uma noite inteira sem minha mãe dizer: “Nós não conversamos mais uns com os outros.”

Não consigo entender como ela é capaz de ficar tão preocupada com o fato de alguém não falar com ela sendo que ela mesma nunca se dá o trabalho de perguntar como a pessoa está se sentindo. Mas eu nunca a odiei por ser sem noção, eu a odeio porque ela não quer ter noção. E eu a odeio mais do que tudo quando ela me diz como estou me sentindo.

“Sei que você está preocupada.” “Sei o quanto você está assustada.” “Sei como você está se sentindo.”

Minha mãe é uma idiota. “Eu queria poder trocar de lugar com Maja.” Será que ela já disse isso alguma vez? Não para mim.

Primeira semana do julgamento: segunda-feira

4.

Lena Pärsson, a promotora principal, fala sem parar. Meu Deus, como essa mulher fala. Dois dos policiais encarregados da investigação estão com ela. Ao seu lado estão os advogados das vítimas, que pretendem pedir indenizações. Eles também empilharam toneladas de pastas na mesa à frente, uma minibiblioteca. Há dois telões no tribunal, um na parede atrás de mim e outro idêntico atrás deles. Agora tudo o que se vê nas telas é uma série de ícones de documentos.

Nem os pais de Amanda nem as famílias das outras vítimas podem se sentar à mesa da promotora. Acho que estão na área destinada ao público ou talvez na sala ao lado, na qual as pessoas podem assistir aos procedimentos em um terceiro telão. Provavelmente não querem ocupar o mesmo ambiente que eu.

Sander me avisou que é “dever” da promotora divulgar por que estamos aqui: o que ela acredita que eu fiz e por que exige a punição máxima.

— Considerando a sua idade — explicou Sander —, você não vai pegar mais do que dez anos.

A lei determina que menores de vinte e um anos não podem ser condenados à prisão perpétua. Mas, se eu pegar catorze anos, terei trinta e dois quando for libertada. Panqueca também me contou sobre as pessoas que ligam e escrevem para ele e para Sander. (Panqueca também se orgulha de receber mensagens de ódio por e-mail, não apenas Sander. Dá para perceber isso pela voz.) Ele até me falou sobre as pessoas que invadem o jardim da

minha casa à noite e jogam cocô na porta. Meus pais têm que lavar a sujeira com mangueira de alta pressão antes de irem trabalhar. Ele me contou isso quando Sander não estava presente.

Então, eu sei. As pessoas que pagam o salário da promotora, os contribuintes, o público em geral, todos, exceto Peder Sander e talvez os meus pais, não acham que dez ou quatorze anos sejam suficientes, para eles nem a prisão perpétua seria suficiente. Eles não se contentarão apenas em destruir a minha vida, eles querem que eu morra.

Sander explicou que hoje não acontecerá muita coisa. No entanto, enquanto a promotora lê os nomes das vítimas, ouço alguém chorando.

Não estou preparada para isso. Muito antes de Lena Pärsson terminar de falar, o tribunal é tomado por esse som. A pessoa está uivando. Será a mãe de Amanda? Não pode ser, ela jamais choraria assim. Talvez tenham encontrado a mãe ou uma avó de Dennis. Talvez eles a tenham trazido até aqui de avião para poder estar nesta sala caiada, como Queen Latifah no show do Nobel.

Parece uma carpideira profissional. Uma louca com um xale preto enrolado na cabeça, com as mãos erguidas, olhando para o céu diante das câmeras de TV e gritando depois que alguém entrou em um ônibus escolar e explodiu cinquenta crianças. Esse tipo de mulher poderia estar aqui? Ela passaria pelo controle de segurança?

Uma coisa é certa: os jornalistas venderão esses soluços no próximo noticiário. Eles o divulgarão, farão atualizações ao vivo e postarão no Twitter. Descreverão como foi, como soou, em até duzentos e oitenta caracteres. E todos os meus antigos “colegas de

escola” retuitarão, talvez adicionando um emoji choroso para demonstrar como isso os afeta pessoalmente. Eu me pergunto quantos vieram até aqui, esperando horas na fila, para conseguirem um lugar e “reviver as memórias” de algo que não aconteceu com eles.

Não quero ouvir nada disso, mas tenho que ficar aqui. Então, pressiono as palmas das mãos contra o tampo da mesa. A promotora fala sem parar, espero que esteja quase acabando. Ela diz algo sobre Amanda, algo mais sobre Samir, Dennis, Christer... Sebastian e seu pai. O presidente parece nervoso, ele remexe o martelo na mesa à sua frente e olha feio para um dos guardas.

A promotora continua falando, apesar dos soluços. Ela aperta um botão, fazendo com que fotos da escola surjam na tela e o uivo do público se transforma em outra coisa: o guarda deve ter dito para ela se calar. Minha garganta arde e preciso pressionar a palma da mão contra os lábios para ter certeza de que também não estou fazendo barulho. A promotora deveria aprender a se expressar de modo mais conciso e interessante — ela não pronunciou uma única frase curta o bastante para ser tuitada. E isso supostamente é um “resumo” das coisas pelas quais ela acredita que devo ser condenada. Espera-se que o julgamento dure três semanas — quando Sander me disse isso, achei que era tempo demais, mas, considerando o tempo que este breve resumo está levando, acho que pode demorar mais.

Mesmo assim, não me viro, limitando-me a olhar para a mesa. Devem noticiar isso também: que ouvi a lista de mortos e feridos, os soluços e o choro sem demonstrar emoção. Gostam de pensar que sou fria. Desumana.

Todo o meu ser é um problema para os meus advogados, não apenas o fato de Panqueca achar que pareço mais velha. Sou muito alta e muito forte, meus seios são muito grandes, meu cabelo é muito longo. Bons dentes, jeans caros. *Não sou uma*

criança.

Hoje não estou usando relógio nem joias, mas nada disso é necessário. Os sinais de quem sou fora da prisão são tão claros quanto marcas de sol ao redor dos olhos depois de uma semana nos Alpes. A promotora ainda não terminou? Quero fazer uma pausa, trocar de roupa, preciso vestir algo que não seja essa merda de camisa apertada. Sander me disse que exigirá um intervalo a cada duas horas pelo menos, já deve estar na hora. Quero ir para uma sala onde estejam apenas nós quatro e Ferdinand possa me oferecer um café. Sempre café, sou adulta o bastante para me sentar aqui, e todos os adultos bebem café. Exceto Panqueca, é claro: ele é a única pessoa com mais de quinze anos que conheço que bebe chocolate quente, até aquele das máquinas nas salas de visitas da cadeia. Ele o suga e sorve com aqueles lábios vermelhos e enfia o dedo na caneca para raspar as gotas açucaradas no fundo. Eu preciso sair, preciso sair daqui.

Baixo os ombros, parece que estou com dor no peito. Penso no meu último café da manhã em casa; qualquer coisa serve, desde que eu não precise ouvir. Fui para a cozinha como sempre. Meus pais estavam lá, ele lendo o jornal, ela em pé, tomando grandes goles daquele lodo verde do qual se alimenta. Minha mãe faz um suco de couve, espinafre e maçã verde e o mistura com abacate em um processador de alimentos especial que custa nove mil coroas. Antes de começar a tomar sucos, ela ingeria um tipo especial de chá que comprava on-line de uma loja americana de alimentos saudáveis. Ela bebia aquilo todas as manhãs com sua omelete feita com quatro claras. Uma vez por semana, Tanja jogava fora as gemas que sobravam — vinte e oito gemas endurecidas na geladeira.

“Não posso comer as gemas”, dizia para Tanja com uma risada, como se fosse uma piada que ela também entendesse. “Mas talvez você goste delas, não é mesmo, Tanja?”

Minha mãe sempre usa o mesmo tom de voz ao falar com Tanja. A mesma voz lenta, como se estivesse falando com uma criança rebelde. Só que ela jamais falaria assim com minha irmã, Lina, nem com qualquer outra criança. Uma voz para as crianças, uma voz para a empregada — um pequeno assassinato em massa dificilmente mudaria isso. Mantenha a cabeça erguida: um João-bobo com uma bola de chumbo no fundo, essa é a minha mãe.

Ela gosta de fingir que ela e Tanja são boas amigas. Talvez por isso sempre pergunte a Tanja se quer comer algo. Nunca vi Tanja comer nem beber nada além de meio copo de água, que ela engole tão depressa quanto pode, debruçada sobre a pia. Ou ir ao banheiro. Nunca vi Tanja ir ao banheiro: será que ela caga em nossos canteiros de flores e mijá no suco verde da minha mãe? Ou será que ela segura até chegar em casa? Sempre me questionei o que minha mãe achava que Tanja faria com as gemas descartadas. Engoli-las como o Rocky antes de uma luta de boxe importante ou levá-las para casa e fazer gemada para os seus pobres filhinhos? Nós nunca conhecemos os filhos de Tanja, mas minha mãe decorou os nomes deles pelo mesmo motivo que diz oi para os mendigos. *Como vai Elena? Sasha está indo bem na escola?*

Naquela última manhã, sobre a mesa da cozinha, havia suco feito na hora (comum, de laranja), queijo, manteiga, fatias de tomate e pepino. Acho que o cheiro de café e ovos mexidos pairava no ar. Não vi nenhum ovo, mas acho que eram ovos mexidos. O café da manhã parecia quase um ritual, uma oferenda. O rádio estava desligado junto à tábua de carne, com o fio tão flácido quanto um membro amputado. Isso queria dizer *Precisamos conversar*. Meus pais queriam falar sobre coisas sérias. *Será que alguém ligou e contou? Para a polícia? Será que alguém chamou a polícia?* Eu não queria conversar, me recusei. Minha mãe olhou para mim sem dizer nada e desviei o olhar sem dar nenhuma resposta. Então meu celular tocou — era Sebastian.